



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE
Scientific Journal

ISSN: 2358-8411

DOI: 10.17115



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 5, volume 6, article nº 22, May 2019

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v6n5a22>

Accepted: 10/12/2018 Published: 30/05/2019

I SEMINÁRIO DE SAÚDE MENTAL DO NORTE E NOROESTE FLUMINENSE
– 27 A 30 DE NOVEMBRO DE 2018 – CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

UM BREVE RETRATO DO ESTADO DE SAÚDE DOS PROFESSORES E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

A BRIEF PORTRAIT OF THE TEACHER'S HEALTH STATUS AND THE CONDITIONS OF WORK

Liz Daiana Tito Azeredo da Silva

Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro – UENF/RJ: jolizdaiana@gmail.com

Jaqueline Maria de Almeida

Doutora em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense– UENF/RJ:
jaquelinemalmeida@yahoo.com.br

Luciana da Silva Almeida

Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro – UENF/RJ: lucy.salmeida@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro –
UFRJ. Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro – CCH/LEEL/UENF/RJ: elinafff@gmail.com

Resumo: A saúde do professor é um tema que carece de atenção devido aos altos índices de atestados médicos apresentados cotidianamente nas escolas. O ambiente escolar tem se mostrado cada vez mais estressante, e, muitas vezes, além da saúde mental dos profissionais, também se apresentam como um motivo de preocupação a saúde e integridade física. Assim, a presente pesquisa pretende apresentar um retrato das condições mentais/psicológicas e físicas, de acordo com as concepções de professores que atuam na educação básica. Para isso, recorreremos à aplicação de questionários para docentes que atuam na rede pública na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, e que também são discentes do PARFOR-UENF. Como aporte teórico foram utilizados especialmente os pressupostos de Martins (2015); Sampaio (2011); Gatti (2013); e os dados do Ministério da Saúde. Os resultados demonstraram que o ambiente e as relações que permeiam os processos de ensino e aprendizagem são fatores que influenciam no desempenho profissional do docente. Outra questão a ser ressaltada é que apesar dos grandes desgastes e impactos em sua saúde, os professores consideram-se saudáveis, muitas vezes não reconhecendo os sintomas que podem acarretar para si, grandes problemas.

Palavras-chave: Professores; Saúde Mental; Educação.

Abstract: The health of the teacher is an issue that needs attention because of the high rates of medical certificates presented daily in schools. The school environment has become increasingly stressful, which makes the mental health and the physical integrity of the teacher a matter of concern. Thus, the present research intends to present a picture of the mental/psychological and physical conditions, according to the conceptions of teachers who work in basic education. To this end, we will resort to the application of questionnaires for teachers who work in public schools located in the city of Campos dos Goytacazes-RJ, who are also students of PARFOR-UENF. As a theoretical contribution, the assumptions of Martins (2015) were used; Sampaio (2011); Gatti (2013); and data from the Ministry of Health. The results showed that the environment and the relationships that permeate the teaching and learning processes are factors that influence the professional performance of the teacher. Another issue to be highlighted is that despite the great wear and tear on their health, teachers consider themselves healthy, often not recognizing the symptoms that can lead to major problems.

Keywords: Teachers; Mental health; Education.

Introdução

Akkari e Tardif (2011, p. 133) apontam que é extensa a discussão sobre a atitude dos professores frente às inúmeras exigências de um trabalho docente cada vez mais especializado e complexo. Falar em trabalho docente vai além de discutir sobre as questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, nesse contexto é necessário também apontar as reais condições de trabalho sob as quais se desenvolvem e vivenciam o cotidiano educacional.

O êxito da educação depende de vários fatores, envolvendo desde o perfil do professor até a gestão escolar. Em unidades escolares sem determinados sujeitos como coordenadores, supervisores, animadores, recreadores e até mesmo gestores, por exemplo, o papel do professor muitas vezes extrapola a relação de aprendizagem. O professor, em alguns casos, acaba assumindo papéis além de suas atribuições, tendo de participar da gestão, coordenação, planejamento escolar, organização de eventos escolares, além de interagir com as famílias e a comunidade.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta a profissão docente como uma das mais estressantes. Ensinar se tornou uma atividade desgastante, com impactos negativos na saúde física, mental do professor, o que influencia em

seu desempenho profissional. Alguns dos fatores vinculados ao adoecimento físico e mental dos professores são: salas lotadas, falta de infraestrutura, distorção idade-série, violência escolar, descaso familiar, dupla jornada, desarticulação de políticas educacionais, além de outros fatores que influenciam direta e indiretamente a atuação docente.

Dessa forma, o presente trabalho visou apresentar uma breve abordagem sobre o estado de saúde física e mental, de acordo com as concepções dos professores da educação básica, discentes das turmas do 5^o e do 7^o período do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, do curso de licenciatura em Pedagogia, ofertada pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. A turma foi constituída por mulheres, com idades entre 24 a 59 anos. Todas atuantes nas modalidades educação infantil e ensino fundamental II. A literatura especializada utilizada para construção desta pesquisa foi especialmente: Martins (2015), Sampaio (2011), Gatti (2013), dados do Ministério da Saúde.

Este trabalho foi composto por duas partes, sendo a primeira: abordagens bibliográficas, abordando os principais desafios enfrentados pelos docentes no âmbito profissional, condições de trabalho, e de estado de saúde. Na segunda parte realizou-se a apreciação de questionários respondidos pelos 20 participantes da pesquisa.

Alguns apontamentos e condições sobre o professor e sua atuação

No processo de ensino e aprendizagem, o sucesso do bom desempenho da educação depende de vários fatores, envolvendo desde o perfil do professor à administração escolar. Assim, a falta de qualquer um dos elementos do corpo funcional da escola, acarreta em prejuízo das atividades escolares, tornando a realização das tarefas educacionais ainda mais complexas.

Um estudo apresentado por Zaragoza (1999), mostra que o mal-estar docente acarreta sintoma de “tensão” e “estresse”. De acordo com o autor, a carreira do professor vai além dos posicionamentos institucionais, uma vez que parte de cada sujeito o autorreconhecimento e valorização do magistério e a superação dos problemas educacionais. Todavia, Martins (2015, p. 13), aponta

alguns dos dilemas enfrentados diariamente por profissionais da educação em relação à identidade profissional

A crise de identidade gerada pelo mal-estar docente repercute diretamente na personalidade dos professores, tendo como principais consequências:

- Sentimentos de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática de ensino;
- Pedidos de transferências, como forma de fugir a situações conflituosas;
- Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza;
- Desejo manifesto de abandonar a docência; Esgotamento, como consequência da tensão acumulada; - “stress”;
- Ansiedade;
- Depreciação do eu;
- Reações neuróticas;
- Depressões.

Conforme assinalado por Martins (2015), a desvalorização profissional pode criar lacunas na atuação docente, afetando as condições de trabalho podendo acarretar mal desempenho nas práticas de ensino e na aprendizagem dos alunos. Nessa conjuntura de sintomas e sensações, encontram-se também os fatores da sobrecarga de tarefas, que culmina com a exaustão mental, em que o docente se sente exaurido emocionalmente e o trabalho perde o sentido. As situações mais frequentemente vividas, e citadas ao longo do texto são marcadas pela: depressão, fadiga, ansiedade, exaustão.

Nesse contexto, a questão de saúde não afeta somente os professores, mas sim o ambiente educacional, interferindo na aquisição dos objetivos pedagógicos.

Agentes causadores e sintomas frequentes

Uma realidade da vida escolar é que além de papel de professor, o docente muitas vezes também acaba se envolvendo com questões que não deveriam ser de sua competência. Todavia, o ser humano e a preocupação com o próximo muitas vezes são mais imperativos em sua atuação.

Interagir com crianças vítimas de abuso e maus tratos, perceber a necessidade de diagnóstico de saúde e transtornos não reconhecidos e/ou aceitos pelos pais ou responsáveis, entre outras questões, são práticas bastante comuns

no dia a dia de professores, especialmente de escolas públicas, de todos os seguimentos.

Esses são apenas alguns exemplos de problemas que afetam a saúde mental de muitos docentes da educação básica. Todavia, é importante ressaltar que a saúde física e mental são duas vertentes fundamentais e indissociáveis no cotidiano do ser humano. É justamente seguindo essa premissa que muitos professores acabam se envolvendo em questões como as supracitadas, proporcionando algum tipo de intervenção para que seus alunos, que estejam com qualquer âmbito de sua saúde prejudicados, possam ser encaminhados para algum tipo de cuidado envolvendo apoio ou tratamento.

Entretanto, a questão sobre a qual nos debruçamos neste momento, não é necessariamente em relação aos cuidados que os docentes precisam ter em relação aos seus alunos, mas sim, em relação aos cuidados que estão sendo oferecidos a estes docentes.

A questão é complexa em sua essência, mas simples em sua compreensão, docentes presenciam diversos tipos de problemas e cuidam para que seus alunos sejam ajudados. Mas quem cuida desses docentes que presenciam tantas crueldades e sofrem diariamente essas e outras formas de agressões, não só psicológicas, mas algumas vezes também físicas?

De acordo com Diehl e Marin (2016, p. 74), “diferentes periódicos se interessam em divulgar a temática adoecimento mental de professores, com discreto destaque a revistas de Psicologia (27%) e da Saúde Pública e Saúde Coletiva (27%), seguidas de periódicos multidisciplinares (20%)”, além de outras áreas como: Psiquiatria, Epidemiologia e Enfermagem, mas como menor expressividade. Os autores que têm pesquisado sobre o tema também são de diferentes áreas: “psicologia a mais sobressalente (30%), Saúde Pública e Medicina (15% cada), Odontologia e Educação (10% cada). Por fim, Fonoaudiologia, Enfermagem, Educação Física e Administração aparecem como áreas de atuação de 5%”.

Para Diehl e Marin (2016, p. 74), a preocupação com as condições do exercício profissional dos professores está ganhando ainda mais espaço entre pesquisadores, especialmente devido ao “aumento de problemas de saúde manifestados nos últimos vinte anos”. De acordo com os autores, os dados

demonstram que o tema *saúde dos profissionais da educação* vem se tornando cada vez mais interdisciplinar, uma vez que profissionais de áreas tão distintas vêm comungando da importância de encontrar uma forma de sanar, ou ao menos minimizar esse problema.

Pesquisas demonstraram que os diferentes segmentos e níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Ensino Superior) sofrem com os impactos negativos que prejudicam a saúde dos professores (LEITE & SOUZA, 2007, REIS et al, 2006; VALE & AGUILLERA, 2016). Alguns dos principais agentes apontados como causadores dos problemas foram:

- organização do trabalho;
- falta de reconhecimento profissional;
- problemas motivacionais e comportamentais dos alunos como falta de limite e de educação;
- dificuldades de se relacionar;
- problemas no ambiente físico relativos à ergonomia, mobiliário, equipamentos e condições de ruído e temperatura, entre outros.

O reflexo desses problemas na qualidade de vida dos professores aparece relacionado, principalmente, ao: prejuízo no sono, abuso de medicamentos, episódios depressivos e esgotamento. É inegável que praticamente todas as profissões possuem uma alta carga de estresse, assim como a própria vida cotidiana de grande parte da população, todavia, professores, em especial da educação básica, são responsáveis pela formação do sujeito no início de sua vida social (PEREIRA, 2014; VALE & AGUILLERA, 2016).

Desta forma, acredita-se que os professores de todos os segmentos e níveis de ensino estão expostos a diferentes tipos de estresse ocupacional, muitos deles refletindo o período de mudanças sociais, reformas educacionais e implantação de novos modelos pedagógicos pelos quais estamos passando nos últimos tempos. As queixas de muitos desses profissionais podem ser interpretadas como transtornos comuns do dia a dia da população, mas ao nos atentarmos para o ambiente em que esses profissionais estão inseridos, nos diferentes contextos em que precisam atuar e com a diversidade de públicos que precisam interagir

diariamente enfatizamos a importância e necessidade de cuidados com a saúde mental desses profissionais.

Condições de trabalho no sistema educacional

Os impactos do ambiente educacional na saúde dos profissionais da educação tem sido, atualmente, alvo de estudos e indagações, aponta Santos, Marques e Nunes (2012). Essa atual preocupação se justifica pela importância do trabalho docente no que tange aos aspectos de desenvolvimento social e cultural de uma nação.

De acordo com Gatti e Barreto (2009), sobre o professor - uma das maiores classes de trabalhadores do país - está à responsabilidade de desenvolver em cada discente que acompanha, os saberes básicos eminentes a escolarização, a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel político e social, a formação de futuros profissionais para o mercado de trabalho, além do dever de estar atento ao desenvolvimento pleno, integral e saudável de cada aluno.

Apesar da grande responsabilidade para o desenvolvimento social e econômico do país, o prestígio e a valorização do profissional da educação, principalmente nos tempos atuais, têm ganhado cada vez menos crédito e valor social. Os salários, em sua maioria, não condizem com o tempo de dedicação e esforços empenhados no desenvolvimento do trabalho, o que impõe a muitos docentes a atuação em jornadas duplas. Soma-se a isso a falta de infra-estruturas adequadas, salas lotadas e ambientes hostis enfrentados por diversos professores em seu exercício profissional.

Estudos têm mostrado a influência de tais condições sobre o desempenho profissional dos professores, bem como sobre sua saúde e qualidade de vida. Embora as pesquisas existentes sobre condições de trabalho docente não permitam o detalhamento do tema, os dados disponíveis mostram que a maioria dos professores tem carga horária semanal superior a 20 horas o que sugere que esses indivíduos têm como atividade principal o exercício do magistério, especialmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio onde se concentram os professores com ensino superior. A jornada de trabalho aumenta de acordo com as séries mais avançadas, chegando a 40 horas semanais em algumas disciplinas no ensino médio (SANTOS, MARQUES E NUNES, 2012, p. 144)

Tais apontamento trazidos por Santos, Marques e Nunes (2012) dizem respeito à precarização do ensino e ao excesso de trabalho ao qual estão submetidos os professores. Tais questões estão sempre presentes em discussões cujo tema seja melhorias do ensino. Garrido (2005) também afirma através de seus estudos que as condições que se apresentam para o desenvolvimento do trabalho docente não interferem apenas nas rotinas pedagógicas, mas, de forma direta e importante, afetam a saúde desses profissionais.

Além dessas questões que circundam a natureza da atividade docente, a organização do trabalho pedagógico, as muitas horas de dedicação ao trabalho, as exigências burocráticas, a excessiva transferência de responsabilidades torna o trabalho do professor desestimulante e, como aponta Garrido (2005), marcam a atuação profissional como altamente estressante.

Dentre as questões que estão implicadas no processo de atuação docente, elencamos como fatores importantes para um bom desempenho profissional:

- Infraestrutura adequada;
- Número aceitável de estudantes por sala de aula;
- Dedicção exclusiva para o planejamento e desenvolvimento das atividades pedagógicas;
- Relação horizontal entre a gestão pedagógica e o corpo docente;
- Articulação entre escola e comunidade;
- Planos governamentais que permitam aos docentes a valorização profissional e a busca por capacitação;
- Políticas de proteção aos profissionais da educação; entre outros.

Entretanto, conforme apontado por Oliveira (2004), em seu trabalho "A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização", estamos caminhando no sentido contrário de alcançarmos um ambiente e condições de trabalho que sejam favoráveis à atuação docente.

Ainda de acordo com Oliveira (2004), a precarização do trabalho docente, gera uma série de problemas para o sistema educacional como, por exemplo, a queda da qualidade das atividades programadas, a falta de estímulos e tempo para busca de aperfeiçoamento profissional e formação continuada. Além das consequências profissionais, o sucateamento da docência causa também

importantes consequências físicas para os docentes, como desgaste físico e emocional, falta de tempo para lazer e adoecimento mental.

Os resultados apresentados no tópico a seguir, corroboram os apontamentos descrito no referencial teórico sobre as mazelas da prática profissional docente, na perspectiva de um grupo de professores da educação básica.

As concepções dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos que compõem esta pesquisa são 20 professores da rede pública de ensino da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental II. A faixa etária dos participantes é entre 24 a 59 anos, com tempo de serviço entre 02 e 30 anos de magistério.

A primeira pergunta do instrumento metodológico indagou como cada participante descreveria seu estado social, físico e mental, obtivemos as seguintes colocações: dos vinte entrevistados, cinco relataram que estão bem em relação aos três aspectos (social, físico e mental), e quinze apresentaram algum tipo de ocorrência, conforme listado a seguir:

Quadro 1: Como você considera seu o estado social, físico e mental?

Informante P01	Físico com muitas dores por consequência do cansaço e estresse.
Informante P06	Social bom, físico regular, pois estou com excesso de peso.
Informante P13	Atualmente estou com meu estado mental muito vulnerável, cansada, pois 15 anos tendo que trabalhar e estudar direto sem poder pegar licença devido a perda salarial.
Informante P15	Bipolar, impaciente, pouco humor, irritada. Mentalmente 'estafada', físico com dores crônicas no ombro.

Fonte: dados da pesquisa

Quando perguntados sobre afastamento médico e motivos do afastamento, seis participantes relataram nunca ter solicitado afastamento médico, enquanto quatorze necessitaram de licença médica, conforme motivos listados a seguir:

Quadro 2: Já necessitou de afastamento médico? Qual foi o motivo?

Informante P01	Coluna e fibromialgia (inclusive estou de licença).
Informante P08	Depressão e pressão alta
Informante P09	Esgotamento físico e mental
Informante P13	Estresse mental, físico e pressão alta
Informante P14	Problema de hérnia da cervical e cordas vocais
Informante P15	Depressão, síndrome de ansiedade e falta de memória
Informante P17	Problemas nas cordas vocais
Informante P19	Depressão

Fonte: dados da pesquisa

Quando questionados se haviam adquirido alguma doença ao longo de sua atuação, seis participantes não relataram doença nenhuma, enquanto quatorze apontaram que adquiriram sim algum tipo de enfermidade, dentre quais destacamos:

Quadro 3: Adquiriu alguma doença ao longo de sua atuação? Qual?

Informante P01	Hérnia de disco e fibromialgia
Informante P03	Verruga, que pra mim foi um desespero, ficando com as mãos tomadas, devido um aluno ser portador e a doutora falou que foi a queimadura do lápis, quando pegava pra fazer a ponta, o vírus passou.
Informante P05	Tendinite
Informante P07	Hipertensão e cefaleia
Informante P08	Pressão alta e depressão
Informante P12	Redimia, rompimento de tendões do braço direito.
Informante P13	Problemas nas cordas vocais.
Informante P15	Gastrite, depressão e enxaqueca.
Informante P20	Síndrome do pânico e problema renal agudo.

Fonte: dados da pesquisa

Quando questionados se usavam algum tipo de medicamento, percebemos a maior ocorrência de algum tipo de adoecimento, mas que possivelmente os participantes não o vinculavam ao estresse gerado pela docência, já que dezesseis deles alegaram fazer uso de medicamentos, conforme descritos a seguir:

Quadro 4: Faz uso de medicação? Quais?

Informante P01	Sim. Mionevrix, rivotril, sertralina e lavitan.
Informante P04	Sim. Para Hipertensão
Informante P09	Sim, Limbitrol
Informante P12	Concor, rispirdona e mirtax.
Informante P13	Sim. Bromazepam, Micerrelax e losartana.
Informante P15	Sim. Exodus e vidimax.
Informante P17	Não controlado, mas aspirinas e ibuprofeno.
Informante P18	Sim. Quetros e rivotril 0,25 mg.
Informante P19	Sim. Centralina, alprazolam, alendronato e vitamina D e E.

Fonte: dados da pesquisa

Mas quando sobrepomos as respostas (Quadro 5), percebemos que algumas informações são relativamente incoerentes, pois alguns participantes declaram ter algum tipo de moléstia, mas não tomam nenhum tipo de medicamento, enquanto outros relatam tomar medicamentos, mas não declararam a doença.

Informante P01, por exemplo, não relata problemas de estresse ou depressão, mas faz uso de Rivotril, um medicamento controlado indicado especialmente para no tratamento de crises epiléticas, transtornos de ansiedade e de humor. Informante P04 afirma não ter nenhuma doença ocasionada pelo estresse do trabalho, mas faz uso de medicamento para hipertensão. A informante 13 também declara não ter desenvolvido nenhuma doença relacionada à profissão,

a não ser problemas nas cordas vocais, contudo faz uso de Bromazepam e Losartana que são medicamentos indicados para ansiedade e hipertensão, respectivamente.

A questão é: eles não vinculam as informações por não considerarem que foi uma doença ocasionada pela profissão ou consideram que ficam doentes no ambiente de trabalho, mas não necessitam de acompanhamento especializado?

Nesse sentido, percebemos que há uma incoerência em relação à consciência das enfermidades e sua relação com a profissão.

Quadro 5: Adquiriu alguma doença? Qual?/ Faz uso de medicação? Qual?

	Doença	Medicamento
Informante P01	Hérnia de disco e fibromialgia	Sim. Mionevrix, rivotril, sertralina e lavitan.
Informante P02	X	X
Informante P03	Verruga, que pra mim foi um desespero, ficando com as mãos tomadas, devido um aluno ser portador e a doutora falou que foi a quentura do lápis, quando pegava pra fazer a ponta, o vírus passou.	Berincar 40+5, Puran, Roussovastatina cálcio, Aletronato de sódio.
Informante P04	Não	Sim. Para Hipertensão
Informante P05	Tendinite	Dolamim Flex, Ibuprofeno.
Informante P06	X	X
Informante P07	Hipertensão e cefaleia	Corus 50mg, Galvus, Grimepirida, propranolol 40mg.
Informante P08	Pressão alta e depressão	Sim, Centralina, hidroclorotiazida e valsartana.
Informante P09	Fibromialgia	Sim, Limbitrol
Informante P10	X	X
Informante	X	X

P11		
Informante P12	Redimia, rompimento de tendões do braço direito.	Concor, rispiridona e mirtax.
Informante P13	Problemas nas cordas vocais.	Sim. Bromazepam, Micerrelax e losartana.
Informante P14	X	X
Informante P15	Gastrite, depressão e enxaqueca.	Sim. Exodus e vidimax.
Informante P16	X	X
Informante P17	Problemas nas cordas vocais.	Não controlado, mas aspirinas e ibuprofeno.
Informante P18	Sim. Ansiedade e síndrome do pânico.	Sim. Quetros e rivotril 0,25 mg.
Informante P19	Depressão e alergias (emocional)	Sim. Centralina, alprazolam, alendronato e vitamina D e E.
Informante P20	Síndrome do pânico e problema renal agudo.	Lorazepam 2mg e Sertralina 50mg

Fonte: dados da pesquisa

Quando questionadas sobre quais principais fatores que contribuem para adoecimento do professor, alguns dos motivos recorrentes foram:

Quadro 6: Na sua opinião, quais são os fatores principais que contribuem para adoecimento do professor?

Informante P01	Falta de apoio e incentivo, carga horária e comportamento dos alunos.
Informante P02	Muita cobrança sem resultados satisfatórios. A falta de atenção e interesse dos alunos e ausência da participação escolar.
Informante P03	A falta de amor pela profissão, a falta de disciplina, desequilíbrio de alguns colegas, direção e pedagoga.
Informante P04	
Informante P05	São vários, desde a falta de condições para trabalhar e falta de materiais e segurança.
Informante P06	

Informante P07	Falta de estrutura da unidade escolar para lidar com os alunos e familiares.
Informante P08	Cobranças sem resultados, crianças sem limites, sala superlotadas, etc...
Informante P10	Precisar trabalhar muito para aumentar o salário, falta de estrutura das escolas, falta de preparo para a “inclusão”, trabalhar sozinha sem apoio da família.
Informante P20	Na maioria das vezes a falta de profissionais, como um psicólogo nas escolas, falta de interesse dos alunos e compreensão da gestão escolar.

Fonte: dados da pesquisa

Conclusão

Muitos trabalhos abordam a temática sobre o desempenho profissional do professor e seu estado de saúde. Nessa perspectiva, propomos uma pesquisa assentada na reflexão sobre as condições que se encontram professores da rede de ensino na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, através de sua percepção sobre a profissionalização e as ocorrências que influenciam na atuação profissional.

Com base nas respostas obtidas, notamos que a falta de investimentos durante a carreira dos professores, seja através de políticas públicas ou projetos institucionais, afetam negativamente as professoras. De modo geral, elas afirmam que alguns dos fatores de maior preocupação estão atrelados às condições desfavoráveis de trabalho, incluindo as situações em sala de aula, afetando assim, a aprendizagem do aluno, que acaba perdendo o interesse pelas atividades escolares.

Assim, em um ambiente “tenso” para atuação, acabam surgindo os sentimentos de medo e insegurança, muitas vezes acompanhados também por sentimentos de ansiedade, desencadeando problemas e distúrbios mentais e psicológicos do docente.

As principais queixas constatadas foram os seguintes sintomas: cansaço, estresses, hipertensão, depressão, ansiedades, enxaquecas e problemas vocais. Mesmo relatando alguns sintomas, os docentes se classificaram como “saudáveis”, apesar de alegarem que a precarização das unidades escolares associados à

questão da violência e a falta de segurança, influenciam no seu bem-estar e afastamentos por licença-médica. Outros fatores relacionados às condições de trabalho, como salas de aula lotadas, ambiente inadequado, dupla jornada para aumentar a renda familiar também foram citados.

Nessa perspectiva podemos compreender que o ambiente e as relações que permeiam os processos de ensino e aprendizagem são para o professor fatores que influenciam no seu bom desempenho profissional. Os sintomas e desgastes apresentados pelos docentes são determinados pelas excessivas responsabilidades assumidas no desempenho docente, além das violências de cunho político-profissionais e físicas sofridas ao longo da carreira.

Concluimos também que apesar dos grandes desgastes sofridos, os professores consideram-se saudáveis, não reconhecendo os sintomas que podem acarretar para si, grandes problemas. Nesse sentido, acreditamos que seja necessário desenvolver trabalhos e projetos que ajudem aos profissionais da educação a reconhecer os sinais de exaustão e buscar meios para evitar problemas mais graves como o adoecimento físico e mental.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, A.; TARDIF, M. **A inserção profissional no ensino: alguns pontos de referência sobre uma realidade complexa.** In: GUIMARÃES, C. M. et al. (Orgs.) *Formação e Profissão Docente.* Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011.
- CORREIA, T., Gomes, A. R., & Moreira, S. Stresse ocupacional em professores do Ensino Básico: um estudo sobre as diferenças pessoais e profissionais. **Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia,** Portugal, 1477-1493, 2010.
- GARRIDO, M. P. Análisis comparativo. In: **Condiciones de trabajo y salud docente. Oficina Regional de Educación de La UNESCO para América Latina y Caribe.** OREALC/UNESCO, 2005.
- GATTI, B.; BARRETTO, E. S. S. **Professores no Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.
- LEITE, M. P., & Souza, A. N. **Condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil - Estado da Arte.** São Paulo, SP: Fundacento/Unicamp, 2007.

LEVY, G. C. T., Nunes Sobrinho, F. P., & Souza, C. A. A.. Síndrome de Burnout em professores da rede pública. **Production Journal**, 19(3), 458-465. doi: 10.1590/S0103-65132009000300004, 2009.

OLIVEIRA, D. A. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez, 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acessado em: 14/12/2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: recomendação internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores.** Genebra: OIT/ UNESCO, 1984.

PEREIRA, É. F., Teixeira, C. S., Andrade, R. D., Bleyer, F. T. D. S., & Lopes, A. D. S. (2014). Associação entre o perfil de ambiente e condições de trabalho com a percepção de saúde e qualidade de vida em professores de educação básica. **Cadernos de Saúde Coletiva**, 22(2), 113-119. doi: 10.1590/1414-462X201400020002, 2014.

REIS, E. J. F. B., Araújo, T. M., Carvalho, F. M., Barbalho, L., & Silva, M. O. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, 27(94), 229- 253. doi: 10.1590/S0101-73302006000100011, 2006.

SANTOS, M. N. dos, MARQUES, A. C., e NUNES, I. J. Condições de saúde e trabalho de professores no ensino básico no Brasil: uma revisão EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, Nº 166, Marzo de 2012. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso em 14/12/2018.

VALE, P. C. S.; AGUILLERA, F. Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas: Uma revisão de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 5(1), 86-94. doi: 10.17267/2317- 3394rpds.v5i1.712, 2016.

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente: O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc, 1999.